

# ORIENTAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO ENSAIO CIENTÍFICO

## Breve histórico

Data de 01 de março de 1580 o primeiro livro intitulado *Ensaaios*, de Montaigne. Nele, o autor explica que pretende deixar ali traços de seu caráter e de suas ideias para que se conserve inteiro e vivo o conhecimento dele. De lá para cá há uma longa tradição de ensaios nas áreas literária, filosófica e científica.

## Definição

É um texto marcado pelo caráter crítico e pela forma pessoal como aborda uma temática científica.

Consiste em **exposição lógica e reflexiva** e em **argumentação rigorosa** com alto nível de **interpretação** e **julgamento** do autor”(SALVADOR, apud SEVERINO, 2000, p. 152).

Para isso, o autor não precisa apoiar-se em aparato de documentação empírica e bibliográfica, tendo maior liberdade de defender determinada posição, mas exige grande informação cultural e grande maturidade intelectual (SEVERINO, p. 153).

Carmo-Neto (1992 p. 101) apresenta um ensaio opinativo que orienta bem este concurso:

“no qual o autor pode estar interessado simplesmente em: dar uma opinião, prover uma solução alternativa a um certo problema polêmico sem entrar em quaisquer especificações metodológicas, criticar uma atitude de ação social, política ou econômica, comentar sobre uma minoria de certa ideologia, dar informação, opinar sobre um acontecimento que jamais poderá se realizar e corrigir ou demonstrar vieses aparentemente não percebidos”.

## Estrutura

### INTRODUÇÃO

- apresentação: o que está sendo avaliado
- avaliação: o valor ou relevância da questão (importância); justificativa da escolha dessa questão

### DESENVOLVIMENTO

- exposição: as razões, os argumentos e as provas que sustentam a avaliação proposta
- reflexão: posicionamento pessoal e indagação sobre a exposição feita

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

- finalização: comentário final com encaminhamento e abertura para outras reflexões

## REFERÊNCIAS

- CARMO-NETO, Dionísio. **Metodologia científica para principiantes**. Salvador: Universitária Americana, 1992.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

Leia dois exemplos do gênero ensaio para entender melhor suas características.

## **SALINGER: UMA VIDA**

Victor Toscano

As pessoas gostam de mitos. Parecem preferir saber mais sobre a vida do artista (coisas banais como hábitos alimentares e romances secretos) do que de sua obra. Nessa cultura personalista, J. D. Salinger acaba sendo lembrado como aquele escritor recluso que vivia na fazenda de Cornish, New Hampshire, escondido do mundo. Pouca gente leu uma linha que fosse sobre a família Glass, ou mesmo de “O Apanhador”, mas enchem a boca para chamar seu autor de excêntrico e outros clichês facilmente encontrados em artigos comemorativos.

Leia qualquer texto recente publicado sobre ele e veja como as palavras excentricidade e misantropia se revezam no campo lexical do pobre jornalista que precisou correr ao Google para descobrir de quem está falando. Não é difícil imaginar o velho Salinger ressentido com aquele povo estranho, rostos perplexos e arrogantes de universitários, que aparecia em sua fazenda, que interpelava os locais em busca de informações, que emporcalhava a entrada de sua casa com lixo de *fast-food*. Não é difícil imaginar como o já restrito contato com um mundo cada vez menos espiritualizado tornava mais fácil sua decisão de “ausentar-se” dele.

O livro “Uma Vida”, de Kenneth Slawenski, mostra que, mesmo em sua reclusão e busca renitente pela sabedoria vedântica, Salinger não deixou de produzir até o fim de sua vida. Manteve ritual e ritmo de trabalho impressionantes – e quem pode adivinhar quantas obras ainda não estão por ser reveladas? Se ele optou, a partir de determinada época, por não mais publicar em vida ou falar publicamente sobre o seu trabalho, isso tem menos a ver com misantropia e mais a ver com busca artística. Esse movimento de carreira era difícil de entender no início dos anos 1960 – já estabelecida a indústria da celebridade – e é ainda mais difícil de se entender hoje em dia.

J. D. Salinger gostava de brincar com seus filhos e de trabalhar em paz na casinha anexa que construía em sua propriedade. Gostava de sua comunidade e passou a ser bastante querido pelos locais, ao comprar terrenos no vilarejo e impedir que construtoras os usassem para erguer estacionamento e centros comerciais que não interessavam a nenhum morador. Não procurou deliberadamente afastar-se da vida pública, mas depois de enganado por oportunistas em alguns golpes baratos, decidiu parar de tentar o diálogo. Tornou-se grande protetor da própria obra, com medo de que

ela tivesse seus méritos distorcidos em adaptações para cinema ou plágios e, já no fim da vida, se ele deixava sua propriedade em Cornish, era para comparecer em tribunais em nome do que acreditava correto.

Depois de sua morte, em 2010, seus admiradores ficaram por alguns dias em alerta. Queriam saber se havia planos de que a família do autor publicaria algum de seus arquivos inéditos. Nada foi, até hoje, anunciado nesse sentido, o que sugere que vão fazer a vontade final do escritor. No entanto, há material escrito nunca publicado que faz parte do acervo da Universidade de Princeton, New Jersey, que é pouco ou nada conhecido do público. O maior feito da biografia “Uma Vida” é trazer à luz esses contos, procurando detalhar personagens e tramas.

O autor Kenneth Slawenski passou muitas tardes na Universidade de Princeton (já que não é possível retirar os trabalhos, mas apenas lê-los durante visitas previamente marcadas). Tanto ele leu as obras, que começou a transcrevê-las por inteiro em seus cadernos a fim de fazer anotações para a biografia. Algumas dessas histórias podem ser encontradas, no original em inglês, pela internet. Sim, Salinger torceria o nariz para essas “cópias piratas”, mas elas são documentos interessantes que denotam caminhos em sua literatura. Por exemplo, a saga de Holden Caulfield em contos separados que mais tarde se tornariam “O Apanhador”. Ou mesmo as histórias sobre Vincent Caulfield, irmão mais velho, cujo desenvolvimento lembra um Seymour Glass da família Caulfield.

Salinger sempre se preocupou com o que percebia como sendo verdadeiro e repudiou o falso; presenteava-nos com personagens por vezes muito irritados com a natureza falsa das pessoas e por outras vezes sensíveis demais para suportá-la. E se vamos nos questionar sobre o autor, podemos apenas pensar que ele era um pouco dessas duas coisas. O resto está no texto.

## UM PEQUENO ENSAIO SOBRE O FRACASSO

Wuldsen Marcelo

As manchetes dos jornais que informavam, diariamente, sobre o desempenho brasileiro nos 30º Jogos Olímpicos, realizados em Londres, no ano de 2012, do mês de julho ao mês do “cachorro louco”, estampavam uma palavra sonora e, de certo modo, feia, que gera, a muitos de compleição frágil, uma tremenda angústia: fracasso. “Fabiana Murer fracassa...”, “Cesar Cielo fracassa...”, “A seleção de Mano Menezes fracassa...”, “O basquete feminino fracassa...”. Não alcançar o resultado almejado ou, nesse caso específico, que se esperava que se alcançasse (expectativa de uma mídia que pouco difunde o esporte no Brasil – não assistimos a transmissões de jogos de tênis, nem da liga nacional de basquete feminina, muito menos nado sincronizado, levantamento de peso ou *badminton* ao vivo –, de um público que não conhece as regras dos esportes nem o nome dos atletas e de dirigentes que recebem grana para eleger por anos a fio o presidente de alguma federação esportiva e que costuma ser *expert* em caixa dois) origina uma crise sobre o futuro do esporte no Brasil e a dúvida sobre se os nossos atletas – sem incentivos, patrocínios, de vida agreste, para muitos, o esporte foi uma forma de fugir da miséria – estão preparados mentalmente para ganhar, serem vencedores, ídolos, lendas do esporte. A quinta maior economia e o sexto país mais populoso do mundo não consegue produzir campeões olímpicos que ratifiquem seu favoritismo e conquistem o tão sonhado ouro (pois, muitos possuem títulos mundiais, o que os credenciam ao posto mais alto do pódio) para “um povo sofrido que vibra, ora e chora por/com eles”. Esse singelo texto não é sobre a participação da delegação brasileira em Londres 2012, mas um pequeno ensaio sobre o fracasso, como lidamos com as falhas, com os acidentes neste mundo contemporâneo no qual a palavra de ordem é sucesso.

Lembro-me de uma sentença do escritor britânico Charles Dickens, autor do magnífico romance “Grandes Esperanças”, “Cada fracasso ensina ao homem algo que precisava aprender”. Não há aprendizagem sem falhas. Não há conhecimento que não impute certo sofrimento. Porém, no outro extremo, não há sucesso que não signifique perda. O neoliberalismo pretendeu fabricar um ser humano vinculado a triunfos sequenciais, praticamente ininterruptos. Neste mundo de inúmeras opções de carreiras, as expectativas são altas, e a ideia básica é, “Você pode ser o que quiser. Basta ter força de vontade, ter tenacidade, ser eficiente”. Porém, nessa frase anulam-se os acidentes, o

fato de nem sempre termos o talento para exercer uma função (reconhecer isso não é fracasso, mas admitir a possibilidade de construir uma nova vida). Em entrevista a Jô Soares, no Programa do Jô, em 28/11/2001, Antônio Abujamra disse ao grande comediante e chato entrevistador: “Você precisa de um fracasso, Jô”. Abujamra teve inúmeros fracassos, Jô Soares aparentemente nenhum. Quem nunca fracassou, não viveu o suficiente. Logo, o fracasso é necessário. Recordemos de Charles Dickens.

Zygmunt Bauman, a partir do pensamento de Ulrich Beck, postula que hoje precisamos encontrar soluções biográficas para contradições que são sistêmicas, “Os riscos e as contradições continuam sendo produzidos socialmente; são apenas o dever e a necessidade de lidar com eles que estão sendo individualizados” (Zygmunt Bauman, *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008, p. 65). O que vale dizer que homens e mulheres vivem sob a égide do desamparo institucional. Somos responsáveis pelos nossos infortúnios e vacilos, e se não triunfamos fora por inadequação e incompetência, não podemos transferir culpas ou elaborar acusações. O *leitmotiv* neoliberal “O indivíduo deve se fazer sozinho” contém seu oposto “O indivíduo deve sozinho arcar com suas falhas”. Como nos lembra Bauman, “(...) agora, como antes, a individualização é um destino, não uma escolha (...)” (Ibidem, p.64). A fuga não faz parte do pacote da individualização. Mas a depressão, a angústia, a síndrome do pânico e o estresse sim.

Toda a loucura do mundo contemporâneo traz à baila a obra do escritor tcheco Franz Kafka. O autor de “O Processo” denunciou como a falta de esperança pode anular a coragem de rejeitar tudo aquilo que se configura como um grilhão pela ordem vigente: a burocratização da vida, a formação de hierarquias, que permaneçam incontestáveis, a construção de um modo de vida que impeça a compreensão da realidade simbólica que nos rodeia. Kafka escreveu sobre o fracasso, um fracasso modelado que resulta do poder do entendimento, de não estar sob o jugo de forças exteriores, como o próprio esteve sob o domínio do pai autoritário, irônico e especialista em disparar frases desestimulantes. O cenário emocional no qual o autor de “O Castelo” viveu, o fez aspirar ao fracasso, contudo um fracasso seu, não intermediado por terceiros, não insuflados pelo misto de ferocidade e negligência paterna. Kafka foi a vítima lúcida, nada autocomplacente, um desbravador em denunciar a obsessão da sociedade moderna pelo triunfo na vida, que aviltava o ser humano, e condenava cavalheiros e damas à falta de esperança ou a se exilarem na solidão. Kafka, que pediu ao amigo Max Brod que

queimasse todos os seus escritos depois de sua morte (o que não foi atendido), deixou uma obra da distorção que classificou o fracasso como impulso da compreensão da vida.

Recentemente ao assistir à participação do filósofo Alain de Botton no programa TED - Ideas Worth Spreading ([www.ted.com/talks/alain\\_de\\_botton\\_a\\_kinder\\_gentler\\_philosophy\\_of\\_success.html](http://www.ted.com/talks/alain_de_botton_a_kinder_gentler_philosophy_of_success.html)), ideias sobre o sucesso e o fracasso na contemporaneidade me pareceram confinar a disputa entre expectativa e realidade em um labirinto, onde a porta é visível, mas o caminho para se chegar até lá permanece misterioso, tortuoso, apesar dos avisos e das receitas fixadas em cada parede. Alain de Botton, ao falar sobre as nossas carreiras e o mundo selvagem do mercado de trabalho, expõe que a vida cotidiana afugenta qualquer compreensão do fracasso como oportunidade de aprendizado, como salientava Charles Dickens. De Botton defende que um dos atuais motivos para condenação do fracasso é o esnobismo, que vem a ser o uso de pequena parte de nossa vida para determinar o que temos de ser. Ou seja, a pergunta, “O que você está fazendo? Trabalha em quê?”. A isca jogada, dependendo da resposta, cessa a curiosidade e a boa camaradagem do encontro. “Que fazes?” é a pergunta que decide o respeito que teremos em relação ao outro, que definirá a hierarquia social na qual nos cingirá o olhar do outro, pertencente, potencialmente, ao entendimento coletivo. “Num mundo repleto de opções e carreiras, como você não aconteceu na vida?”, é o que os lábios formulam e os olhos dizem.

O filósofo suíço afirma que há dois tipos de livros de autoajuda hoje: sobre conquista e sobre baixa autoestima. Livros que denunciam a contradição inerente de um sistema que fomenta a ambição desmedida e a frustração em um equilíbrio assustador. O mundo atual pretende fabricar vencedores, múltiplas receitas de como triunfar em qualquer coisa desfilam nas vitrines das livrarias. Do mesmo modo, livros de como lidar com a frustração, com o medo do fracasso, com a inabilidade de conviver com as falhas, enchem prateleiras das mesmas livrarias.

E para completar a excursão pelo pensamento de Alain de Botton, temos a crítica à tese da meritocracia para distribuir os dividendos sociais relacionados ao esforço e trabalho dos indivíduos, pois, por mais que pareça justo que os melhores se elevem por seu talento, firmeza ou destreza, há um grande problema: tal noção leva a entender que os que estão por baixo merecem estar nessa posição/situação e que podemos controlar todas as circunstâncias que envolvam uma decisão. Em suma, anula-se o acaso. Segundo de Botton, “Isso faz com que o fracasso pareça mais esmagador”. Antes, na Inglaterra da Idade Média, os que não alcançavam triunfos na vida eram

considerados desafortunados, ou seja, a sorte não havia lhes sorrído. Hoje, porém, as falhas constituem um perdedor, alguém que não possui a coragem dos riscos, o *loser* que assombra os estadunidenses, e agora, graças à difusão da cultura do sucesso a qualquer preço, o mundo ocidental todo. Quem assistiu ao filme “Jerry Maguire – a Grande Virada” (1996), de Cameron Crowe, com Tom Cruise como a personagem-título, lembra-se da cena em que a noiva chama Jerry de perdedor. O sujeito fica transtornado e ela assustada, logo, retira o que disse. Mas já o havia ferido e transmitido sua mensagem. O fracasso, para Alain de Botton, não é um incômodo lancinante por promover tão somente a perda de rendimento ou de *status*, mas pelo medo do julgamento e ridicularização perante os outros. Por isso, o filósofo suíço fala sobre a importância de termos certeza de que nossos sonhos de sucessos são nossos, devemos nos certificar de que cada passo e cada escolha é resultado da ambição engendrada por nossa vontade de construir algo.

O fracasso necessário não precisa ser um fracasso arquitetado. Afinal, quem quer enfrentar inúmeras vozes de acusação e centenas de sorrisos de desprezo? Mas há uma diferença entre aquele que aceita o fracasso, porém não se rende a ele, e aquele que apenas conhece o sucesso: o primeiro ganha a liberdade de falar o que quer, de ousar e de combater a ordem vigente; o segundo acaba por ser defensor do *establishment*, aludindo, pelos seus triunfos sucessivos, o *status quo* que o sustenta. Pode ser que nada precise ser levado a ferro e fogo, mas quando o fracasso ocorre nem sempre é fundamental “procurar chifre na cabeça de cavalo” ou “fazer tempestade num copo d’água”. O elemento de fatalidade existe, o acidente é real, e nem tudo carece de explicação. Como bem sabem os atletas, “O fracasso de hoje pode ser o início do sucesso tão sonhado”. Quando esse for, realmente, um sonho seu, boa sorte! Para encerrar, um trecho da música “O Vencedor” da banda Los Hermanos:

“Olha lá, quem acha que perder / É ser menor na vida / Olha lá, quem sempre quer vitória / E perde a glória de chorar / Eu que já não quero mais ser um vencedor / Levo a vida devagar pra não faltar amor”.